

Relatório de Gestão

Carta Macroeconômica

Nos Estados Unidos, junho foi o segundo mês consecutivo de forte performance em ativos de risco, com o S&P 500 subindo 5% no mês, na sequência de uma alta de 6% em maio. Essa boa performance aconteceu a despeito de um ambiente onde permanecem as preocupações com inflação, tarifas de importação, relações comerciais, política fiscal e riscos geopolíticos.

No lado fiscal, apesar da incerteza na reta final das negociações, o presidente Trump sancionou o “One Big Beautiful Bill Act” no 4 de julho, cumprindo o prazo autoimposto no início das negociações. A legislação entrega boa parte das promessas de campanha do governo, mas a um custo estimado de aumentar o déficit em mais de US\$ 3,3 trilhões nos próximos 10 anos. O aumento de arrecadação do imposto de importação pode compensar esse aumento do déficit caso persista nesta janela de 10 anos, mas, de qualquer forma, a legislação aprovada consolida um cenário onde o déficit fiscal deve permanecer próximo do elevado nível atual nos próximos anos.

As negociações comerciais, por outro lado, não avançaram substancialmente durante a pausa de 90 dias que se seguiu aos anúncios de aumento das tarifas de importações no início de abril. Acordos em princípio com a Inglaterra, China e Vietnã foram anunciados, mas os detalhes formais ainda não são conhecidos. A questão do comércio de terras raras, ponto importante para a indústria americana e global, foi incluída no acordo do final de junho com a China, mas empresas do setor ainda reclamam da morosidade na aprovação das licenças de importação. Nos próximos dias estão prometidas definições mais claras sobre as tarifas de importação a serem impostas aos outros países, com o presidente Trump mencionando que cartas serão enviadas aos parceiros comerciais notificando sobre as novas tarifas que “podem variar de 10% a 70% dependendo do país e do produto”.

Frente a essa incerteza sobre a política comercial e seu impacto na atividade econômica e na inflação, o Federal Reserve manteve o discurso de “esperar para ver”, citando a incerteza em torno das tarifas como um fator chave para essa postura, apesar da pressão do Presidente Trump para cortes de juros. As perspectivas da política monetária para os próximos meses permanecem associadas à capacidade da economia americana de resistir aos choques tarifários sem uma desaceleração significativa do emprego ou um aumento persistente da inflação.

No Brasil, houve uma grande valorização do Real frente ao Dólar, que passou de 5,72 para 5,43, e um “flattening” da curva de juros, com a parte curta (jan 27) fechando 4 bps e a parte mais longa (jan 29 e jan 31) fechando 52 bps e 55 bps, respectivamente. O índice Ibovespa teve um pequeno ganho de 1,3% no mês. Os ativos brasileiros vêm se beneficiando do ambiente global de busca por diversificação de ativos para fora dos EUA e do carregamento de juros atrativo. Existe ainda a perspectiva da eleição no ano que vem, que pode representar uma mudança nos rumos macroeconômicos do país.

Em relação aos indicadores econômicos, apesar do PIB do 1º trimestre ter sido forte (1,4% QoQ), o nível de atividade deu uma moderada em abril e maio, com os indicadores mensais e as pesquisas de sentimento indicando uma desaceleração. Espera-se um crescimento do PIB em torno de 0,3%-0,4% para o 2º trimestre do ano. O mercado de trabalho segue bem aquecido, com a taxa de desemprego próxima da mínima histórica, salários reais com bom crescimento e geração de empregos (Caged) ainda forte, mas há sinais incipientes de desaceleração. Em relação ao crédito, também já se pode notar uma inflexão para baixo no crescimento das novas concessões.

No que diz respeito à inflação, houve uma melhora significativa na parte de alimentos e alguma melhora nos bens industrializados e serviços, que motivaram uma revisão para baixo na projeção de inflação para 2025 da pesquisa Focus. No entanto, as expectativas de inflação mais longas, para 2026 em diante, ainda seguem acima da meta, o que levou o BC a comunicar na última reunião, quando implementou o aumento de 25 bps na Selic para 15%, a intenção de ficar parado por um tempo prolongado. Acreditamos que a dinâmica mais favorável dos indicadores econômicos irá possibilitar uma revisão para baixo na expectativa de inflação para 2026 em diante e que o próximo ciclo de corte de juros deverá ter início no primeiro trimestre do ano que vem.

Administração

BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S/A
CNPJ: 02.201.501/0001-61
Av. Presidente Wilson, 231, 11º andar
Rio de Janeiro – RJ
CEP: 20030-905
Telefone (21) 3219-2500
Fax (21) 3219-2508
www.bnymellon.com.br/sf

SAC: Fale conosco no endereço
www.bnymellon.com.br/sf
ou no telefone 0800 7253219
Ouvidoria no endereço
www.bnymellon.com.br/sf
ou no telefone: 0800 7253219

Gestão e Distribuição

JGP Gestão de Recursos Ltda.
e JGP Gestão de Crédito Ltda.
Rua Humaitá 275, 11º andar
Humaitá, Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22261-005
Brasil
www.jgp.com.br

Signatory of:



Este material é meramente informativo e não considera os objetivos de investimento, a situação financeira ou as necessidades individuais de um ou de determinado grupo de investidores. Recomendamos a consulta de profissionais especializados para decisão de investimentos. Fundos de Investimento não contam com a Garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro, ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do prospecto ou do regulamento do Fundo de Investimento antes de aplicar seus recursos. As rentabilidades divulgadas são líquidas de taxa de administração e performance e bruta de impostos. As informações e conclusões contidas neste material podem ser alteradas a qualquer tempo, sem que seja necessária prévia comunicação. Este material não pode ser copiado, reproduzido ou distribuído sem a prévia e expressa concordância da JGP. Para maiores informações, consulte nossa área comercial.